

LEAGP – LERA – LEMVI – LEAC -- LEAS

PÁGINAS

LEAGP

TEMA: MASTITE: A ENFERMIDADE MAIS COMUM EM VACAS
LEITEIRAS ADULTAS

LEAS

TEMA: BEM-ESTAR DE ANIMAIS SELVAGENS EM HABITAT
ARTIFICIAL

LEMVI

TEMA: TERAPIAS INTEGRATIVAS NO TRATAMENTO DA
LEISHMANIOSE





LEAGP

Mastite: A enfermidade mais comum em vacas leiteiras adultas

A mastite é a inflamação do parênquima da glândula mamária, independente da causa, caracterizando-se por uma série de alterações físicas e químicas do leite, bem como modificações patológicas no tecido glandular. As alterações mais importantes, observadas no leite, são a descoloração, o aparecimento de coágulos e a presença de grande número de leucócitos.

A glândula mamária apresenta aumento de volume, elevação da temperatura, e endurecimento, em muitos casos clínicos.

A mastite pode ser subdividida em duas grandes categorias: contagiosa e ambiental; com base na origem do inóculo infeccioso. No caso de mastite contagiosa, as principais bactérias envolvidas são: *Streptococcus agalactiae*, *Corynebacterium bovis*, *Staphylococcus aureus* e *Mycoplasma* spp. O *S. agalactiae* é o parasita obrigatório da glândula mamária de ruminantes. O *S. aureus* e *Mycoplasma* spp., são capazes de colonizar e persistir em diversos locais do hospedeiro (pele, trato respiratório e geniturinário). O modo mais importante de transmissão desses microrganismos envolve a transferência de leite contaminado de uma vaca para a outra. Os patógenos ambientais causadores de mastite clínica incluem a espécie de estreptococos (*S. uberis* e o *S. dysgalactiae* são os mais prevalentes, e

o menos prevalente é o *S. equinus*). No grupo dos coliformes ambientais, encontram-se as bactérias Gram-negativas (*Escherichia coli*, *Klebsiella* spp., *Citrobacter* spp., *Enterobacter* spp., *E. faecalis* e *E. faecium*). Existem também patógenos incomuns, podendo causar mastite grave, mas acomete poucas vacas, e esporadicamente; e os de origem fúngica (ex. *Trichosporon* spp.)

O diagnóstico da mastite subclínica é feito por meio de testes indiretos, realizados no leite das vacas, que são o California Mastitis Test (CMT) e CCS (contagem de células somáticas no leite do tanque de resfriamento). Usando contadores eletrônicos, mensuram anticorpos, enzimas associadas a células e o aumento da condutividade elétrica do leite.

O ideal para o tratamento da mastite clínica na vaca lactante é fazer a cultura do leite e sensibilidade antimicrobiana. Mastites agudas e hiperagudas podem ser tratadas com antibióticos e sempre requerem terapia de suporte (líquidos e eletrólitos e agentes anti-inflamatórios não-esteroidais). Nas vacas secas, o melhor tratamento para as mastites subclínicas é a infusão intramamária de antibióticos de longa duração e secagem das vacas. Deve ser respeitado um período de carência para a comercialização do leite dos animais tratados com antibióticos, para evitar resíduos. Contudo, deve ser feito o controle profilático com um bom manejo, para que não ocorra a infecção, pois para ela existe um tratamento

rigoroso e tempo de espera prolongado, com resíduos de medicamentos no leite, podendo causar danos à saúde pública, se houver ingestão dele.

Autora: Maria Isabel M. Santos

Edição e Revisão: Diogo Gaubeur de Camargo

LEAS

Bem-estar de animais selvagens em habitat artificial

Introdução

Muitos acreditam que a população animal está diminuindo devido à destruição do habitat, causada por humanos. Consequentemente, a criação de animais silvestres em cativeiro tornou-se importante na conservação das espécies animais. No entanto, manter esses animais em ambientes artificiais, sem estimulantes, pode causar problemas significativos. Problemas relacionados à saúde e problemas comportamentais, geralmente, ocorrem devido ao estresse de ser mantido em cativeiro. Porém, às vezes, é necessário o ambiente artificial para a readaptação do indivíduo ao seu ambiente natural ou em casos específicos, como os animais que não conseguem retornar ao seu local de origem e precisam continuar em cativeiro por toda a vida. As preocupações com o bem-estar animal são necessárias para a conservação da vida selvagem. O interesse do animal em seu entorno é

aumentado por meio de técnicas, e reduzir seu sofrimento é o primeiro passo para encontrar alívio.

Bem-estar

Considerando que o estresse é amplamente observado em animais silvestres em cativeiro, muitas vezes não sendo viável que os animais retornem à vida livre, deve-se atentar para a qualidade de vida dos animais durante o cativeiro. Portanto, é necessário atender da melhor forma possível as necessidades básicas dos animais, e adotar alternativas para melhorar o seu bem-estar, como a promoção do condicionamento animal e a utilização de práticas de enriquecimento.

Enriquecimento ambiental (EA)

O enriquecimento ambiental (EA), geralmente, envolve o aumento de novos estímulos no ambiente para imitar o que pode acontecer em habitats naturais (Corcoran 2015; Coelho et al. 2016; Cortese et al. 2018; Young et al. 2020)

Com base nisso, a utilização de brinquedos cognitivos ou ocupacionais, com o objetivo de que estimulem as capacidades cognitivas e físicas dos animais, é de extrema importância para uma melhor adaptação e estado físico e mental do animal. Além de objetos que mimetizam o habitat do mesmo, sejam troncos, vegetação, baloiço, cordas, vegetação, temperatura, etc.

Já a alimentação deve ser o mais parecido possível com o que seria achado na natureza, visando estimular de diferentes formas o animal, seja

alteração da forma, frequência ou horário.

Conclusão

O cativeiro de um animal, infelizmente, reduz seu comportamento ao de um animal em habitat natural. Para se adaptar ao seu ambiente, os animais selvagens precisam imitar seus arredores.

Ao ajustar o ambiente natural, as aplicações do ecossistema e os métodos de manejo específicos da espécie, com cada criatura recebendo o que é necessário, o estresse pode ser minimizado, evitando interrupções e distúrbios.

O uso do EA é de suma importância, fazendo com que o animal tenha boas condições físicas, psicológicas e hormonais. Cabe aos profissionais que pesquisem e verifiquem as necessidades de cada animal, minimizando o máximo os problemas e trazer o bem-estar para o animal.

Autoria:

Leonardo Martins Sange

Edição e Revisão:

Analy Ramos



LEMVI

Terapias Integrativas no Tratamento de Leishmaniose

Introdução

A Medicina Integrativa é uma especialidade médica que trata do paciente ponderando seu corpo, sua mente e seu espírito, por meio da

junção entre as medicinas ocidental e oriental; uma abordagem que busca a união do melhor de todas as técnicas, afim de uma solução que amenize a dor e recupere a qualidade de vida do animal.

Leishmaniose Visceral Canina (LVC) é uma doença infecciosa crônica de caráter zoonótico, transmitida por mosquito pertencente à família dos flebotomíneos. Os sinais clínicos frequentemente observados, quando presentes, envolvem linfadenopatia, poliartrite, insuficiência renal, sinais cutâneos como hiperqueratose, dentre outros.

Diagnóstico e tratamento

O diagnóstico não se baseia apenas em um único exame, mas sim em todo um fluxograma para uma abordagem diagnóstica. Além disso, o estadiamento do paciente é fundamental para estabelecer a melhor conduta terapêutica, juntamente com a avaliação, além do exame físico, uma vez que muitos animais não apresentam sinais clínicos.

O tratamento é estabelecido de acordo com o estágio da doença e individualmente. Com um tratamento farmacológico e uma alimentação adequada, a Leishmaniose pode permitir que o animal viva sem sintomas durante muito tempo. Os tratamentos consistem em antimoniais pentavalentes, anfotericina B, pentamidina e cetoconazol. É feito durante 28 dias, numa dose que deve ser ajustada de acordo com o peso do animal. Depois desses 28 dias de

tratamento, esse animal passa a ser acompanhado a cada 4 meses pelo Médico Veterinário, a fim de avaliar a necessidade de um novo ciclo de tratamento.

Técnicas Integrativas

Algumas técnicas da Medicina Integrativa podem ser utilizadas nas rotinas clínicas quando se trata de Leishmaniose. Uma delas é a Laserterapia, podendo ser chamada de fototerapia, que consiste na utilização de fontes de luz como laser e LED no espectro visível e infravermelho, desencadeando eventos fotofísicos e fotoquímicos em várias escalas biológicas. Este processo leva a resultados terapêuticos benéficos incluindo, mas não se limitando, ao alívio da dor e inflamação, imunomodulação, promoção de cicatrização de feridas e regeneração de tecidos. O laser utilizado na terapia é o terapêutico, de classe IIIb, justamente por não apresentar efeitos colaterais e não causar superaquecimento. No organismo, o mesmo irá possuir vários efeitos, como por exemplo, o aumento na regeneração epitelial, dos leucócitos, dos fluxos venosos e linfáticos, entre outros. Além de reduzir a dor e promover o relaxamento.

A Ozonioterapia, também frequentemente aplicada, possui efeitos semelhantes aos da Laserterapia. Age como analgésico e anti-inflamatório, têm ações bactericidas, fungicidas e viricidas, regula o sistema antioxidante, dentre

outros benefícios. Existem várias formas de aplicação, entre elas, estão a infiltração local, normalmente usada em casos de osteoartrite e feridas; Insuflação retal, em casos de alterações gastrointestinais e doença renal crônica; Auto-hemoterapia, para doenças autoimunes ou imunomediadas, alterações inflamatórias e processos infecciosos. Por fim, a Moxabustão, uma técnica de medicina chinesa que consiste na aplicação de um bastão constituído de “Artemisia Vulgaris”. Seu mecanismo de ação é pela mudança de temperatura local, fornece vasoconstrição do ponto aquecido e vasodilatação ao redor do mesmo. Como efeitos, melhora a circulação do sangue, otimizando a nutrição de órgãos e vísceras, é analgésico e anti-inflamatório e promove cicatrização.

Conclusão

Ao se tratar da Leishmaniose, muitas vezes não têm terapias convencionais que possam ser aplicadas e que nem sempre irão funcionar. Ocasionalmente, o objetivo será promover qualidade de vida quando, em longo prazo, nas terapias integrativas, existe uma chance maior de melhorar o aspecto do animal e promover melhoria no bem-estar.

Autoria: Maria Eduarda Galhardo Rodrigues

Edição e Revisão: Jamila Cristina Baptistella



.